



Nº 205– SETEMBRO de 2023 **Jornal da Casa do Povo de Pico da Pedra** Fundado em 1975



MAIS UM ANO A AGRADECER

Dentro de poucos dias, teremos as festas em honra da nossa Padroeira, Nossa Senhora dos Prazeres.

Neste sentido, a freguesia já começa a ser engalanada com luzes e bandeiras, as casas são pintadas, os jardins arranjados e os quartos preparados para receber os familiares que, espalhados pela diáspora, sempre regressam à terra que os viu nascer nestes dias de festa. É a festa da freguesia, é a festa em honra da Senhora dos Prazeres, que no seu altar presidiu aos nossos batizados, casamentos, comunhões e por vezes à despedida de um ente querido.

São momentos marcantes na nossa vida e como tal nunca são esquecidos.

É, assim, uma festa a que nenhum picopedrense fica indiferente, seja residente ou esteja emigrado. Todos sentem um carinho especial por Ela, todos nos sentimos ligados àquela Imagem de uma maneira ou de outra, e que tem a capacidade de unir toda a nossa comunidade picopedrense.

Imbuídos deste espírito, que é sempre de homenagem e gratidão, a Direção da Casa do Povo faz votos para que todos possamos fazer a festa, convivendo, participando no cortejo processional, pois Nossa Senhora, ao percorrer as ruas da freguesia, deverá ir acompanhada pelos seus filhos e, enviando um abraço muito apertado aos nossos Emigrantes, que por diversas razões não puderam este ano deslocar-se à sua terra natal.

Felizes também ficaríamos, se os que vierem, ao regressarem a suas casas, fossem cheios de vivências atuais e de boas recordações, com o propósito de para o ano cá estarem de novo.

São sempre bem-vindos e recebidos de coração aberto.

Boas e Santas Festas!

A Direção



Alexandre Gaudêncio

Boas festas!

O tempo corre depressa... Há um ano atrás regozijava-me por, finalmente, se comemorar mais uma festa de Nossa Senhora dos Prazeres, sem qualquer restrição. E que linda foi a festa!

Todos nós estávamos sedentos dos convívios, de poder cumprimentar os amigos e de confraternizar pessoalmente com cada pessoa que nos é querido.

Todos os anos, as festas das nossas freguesias reúnem muita gente, com particular ênfase para os nossos emigrantes. Um cumprimento, por isso, a todos os que estão cá de visita, desejando que possam conviver com velhos amigos e reviver a memória dos tempos da sua juventude.

No Pico da Pedra, essa relação com a comunidade emigrante, assume especial relevância. Basta ver a quantidade de pessoas que todos os anos fazem questão de regressar à sua terra, participando, muitas vezes, nas forças vivas e dando um contributo muito significativo para que nada falte durante os dias festivos.

O Pico da Pedra tem crescido bastante nos últimos anos, tendo sido das poucas localidades nos Açores que aumentou a sua população. Isso deve-se à qualidade de vida, à proximidade com os centros urbanos da ilha, mas acima de tudo devido às suas gentes que sabem receber como poucos.

A acompanhar essa tendência, as forças vivas têm conseguido se adaptar à nova realidade, sendo um exemplo de persistência e de trabalho sempre em prol dos outros e da sua comunidade.

Dá gosto de ver e sentir o vibrar dos Picopedrenses, sobretudo aquando das suas festas em honra à Senhora dos Prazeres.

Boas festas.



Comunidade de Nossa Senhora dos Prazeres,

É com grande alegria e fervor que nos aproximamos das festividades em honra da nossa padroeira, Nossa Senhora dos Prazeres. Este é um momento de celebração, reflexão e comunhão para todos nós.

Nestes dias de festa, convidamos a população local a unir-se em oração, a participar na

procissão e a compartilhar a alegria deste evento que é especial para a nossa comunidade.

Para aqueles que estão distantes, a nossa diáspora, estarão sempre presentes nos nossos pensamentos e preces. Mesmo estando longe, fisicamente, a ligação que mantêm com a sua Terra Natal e com Nossa Senhora dos Prazeres permanece forte e inabalável.

Que esta celebração nos inspire a renovar a nossa fé, a fortalecer os nossos laços comunitários e a cultivar a generosidade e a compaixão nos nossos corações.

Que Nossa Senhora dos Prazeres nos abençoe e guie os nossos passos.

Viva Nossa Senhora dos Prazeres! Viva à união da nossa comunidade!

O Presidente da Junta de Freguesia

Fábio Bernardo

SEJAM BEM-VINDOS



Pe. Nuno Sousa



Pe. Leonardo Cabral

Apesar de já ser esperado, pois é do conhecimento geral o estado de saúde do nosso Pároco, Pe. Duarte Moniz, fomos surpreendidos no dia 1 de agosto com a notícia de que o nosso Bispo, D. Armando Esteves Rodrigues, havia nomeado para as Paróquias de Rabo de Peixe, Pico da Pedra e Calhetas os seguintes Sacerdotes:

Pe. Nuno Filipe Pacheco Sousa - Pároco "ad tempus".

Pe. Leonardo Alberto Baganha Cabral - Vigário Paroquial "ad tempus".

Desconhecendo-se a data da tomada de posse dos novos responsáveis pela nossa comunidade Picopedrense, queremos agradecer ao Pe. Duarte todo o trabalho realizado na nossa paróquia e a forma próxima e atenta como sempre se relacionou com esta Casa do Povo.

Bem-haja!

Aos novos Sacerdotes, desejamos as maiores felicidades no desempenho do seu múnus Apostólico, disponibilizando-nos desde já para uma colaboração franca e disponível em tudo que necessitarem.

Sejam bem-vindos!

Marcha - O FONTENÁRIO

Gilberto Bernardo



Fontenário

Marcha do Pico da Pedra - 2023

**Vamos marchar p'las ruas com alegria
Haja saúde, haja paz e harmonia;
Cantar, dançar, até que o sol desponte
Pra recordar o "Canto da nossa Fonte"**

Enquanto a água cantava
No ventre do seu barril;
O corpo dela, ele mirava
Vestida de azul anil.

Ela de saia bordada
Ele de roupa de cotim;
Na fonte, de madrugada,
Os dois cantavam assim:

Estrilho

Ali, junto ao fontenário
Sem ninguém ver do caminho;
Sozinhos, neste cenário,
Deram o primeiro beijinho.

Tremendo de emoção
Olham em volta o jardim;
Ao ritmo do coração
Saem, cantando assim:

Estrilho

Esta fonte dos amores
De água tão cristalina;
Cura nossos dissabores
Sua água: medicina.

E foi junto destas águas
Que nos curamos, enfim:
Saramos das nossas mágoas,
Cantando juntos assim:

Estrilho

Ai, como é bom ir buscar
Da nossa água, tão pura;
E podermos recordar
A nossa bela aventura.

Todos a querem beber
Da Lomba ao Alecrim;
Água que faz reviver,
P'las ruas cantando assim:

2023/03/25 Gilberto Bernardo

O Pico da Pedra voltou a ter uma Marcha e fez-se representar no desfile das Festas de S. Pedro na Ribeira Seca e no das Festas da Cidade da Ribeira Grande. A Marcha, cujo tema foi o fontenário, foi organizada pela Junta de Freguesia e contava com a participação de vinte pares, acompanhados pela filarmónica local, Aliança dos Prazeres, Os ensaios e a coreografia estiveram a cargo de José António Tavares, artista popular que desde há muito tem dado vida a estas e outras tradições. A ele também se deve a feitura do pendão. A música da Marcha, uma bonita e ritmada melodia que fica no ouvido, foi composta pelo André Oliveira, jovem músico e maestro, natural desta freguesia, com provas dadas em diversas composições da sua autoria. Ao escriba deste artigo, coube fazer a letra da Marcha.

Recorde-se que, desde há trinta e tal anos, que se organizam Marchas no Pico da Pedra. A primeira foi organizada no ano de 1990, e saiu pelas festas em honra de S. João, que se festeja no Largo que tem o nome deste santo, no alto da freguesia. Na altura, a organização dessa primeira Marcha foi da responsabilidade do Grupo de Jovens desta freguesia que se reunia na casa Passal da Igreja Paroquial. José António Tavares fazia parte desse Grupo de então e foi ele e tem sido ele quem ao longo destes trinta e poucos anos, tem coreografado, ensaiado e participado em todas as Marchas que se fizeram no Pico da Pedra. A primeira Marcha não foi além dos limites da freguesia, e era acompanhada por alguns músicos da Banda Lira do Norte, em virtude da Aliança dos Prazeres ter ficado inactiva uns meses antes. Mas no ano seguinte, em 1991, a Marcha acompanhada por elementos da recém criada Orquestra Ligeira da Aliança dos Prazeres, exibiu-se, não só no Pico da Pedra pelas festas em honra de S. João, mas também nas festas de S. João da Vila Franca do Campo e em S. Pedro da Ribeira Seca e no desfile de Marchas na Ribeira Grande e assim aconteceu nesses primeiros anos. É de salientar que, de 1991 a 1995, o Pico da Pedra fez-se representar nas Marchas em Vila Franca do Campo. A partir de 2013, a Junta de Freguesia presidida por João Soares, começou a organizar de novo as Marchas. Assim, de 2013 a 2017, (num desses anos a Marcha foi da responsabilidade da Associação Cultural), as Marchas populares pico-pedrenses passaram a estar presentes nos desfiles do Concelho.



Rostos Que Fazem o Pico da Pedra

João Luis da Câmara



#03 JAIME MANUEL PIMENTEL TAVARES

O Tio Jaime, como me habituei a tratar, nasceu na nossa freguesia de Pico da Pedra em Novembro de 1949. Filho de José Tavares e de Alzira Pimentel, é casado com Dona Maria do Espírito Santo, tem dois filhos: Elizabete, minha colega de carteira durante toda a escola primária (éramos os únicos a usar bata) e o Carlos, também conhecido por toda a freguesia e bom amigo e que me trata por menino Joãozinho.

Nasceu na Lomba, na altura era uma rua terreira onde predominava a pobreza, sem água ou luz, iam buscar água potável ao Monte de João Luís da Câmara (meu avô), em latas, em barris nas carroças, tudo em terreiro.

Fala do meu avô João Luís e da minha avó Fernanda com extremo carinho: «Se o teu avô e a tua avó não estão no céu, mais ninguém está.». Foi deveras emotivo ouvir isso.

Iam buscar o leite desnatado para alimentar as várias famílias aqui da Lomba. Desde pequeno foi habituado a ir ao Monte. Sua Tia trabalhava lá em casa. Conta também que para curar certas feridas usava se emplastos com pão de trigo. Lá foi ao Monte certo dia pedir à tia um pão para fazer de curativo. Logo minha avó Fernanda disse à Mariquinhas, tia do Sr. Jaime, para barrar o pão com manteiga, e assim foi. Tio Jaime, um miúdo, com o pão barrado em manteiga, que supostamente era para curar uma ferida, não chegou a sair o portão, foi comido.

Seu avô foi o feitor do meu avô João Luís e cuidava do pico. O pico naquela altura dava muita madeira para se fazer carroças, arados e todo um conjunto de alfaia. Era preciso saber que árvores cortar.

O Sr Jaime fez a instrução primária aqui no Pico da Pedra, e foi trabalhar, com o pai e avô no pico. Havia sem-



pre o que fazer .

Depois, com mais idade foi trabalhar como pedreiro, para o mestre Bento.

Após esta passagem, vinculou se como trabalhador ao serviço do Sr. Agnelo Borges, na quinta da Bela Vista, a 25\$00 por dia. Quando foi chamado para o serviço militar em 1970, seu pai o substituiu na Bela Vista. Ficaram nesta casa durante 18 anos.

Casou na Fajã de Baixo com 26 anos. E seus filhos nasceram também nesta mesma freguesia.

Veio para o Pico da Pedra, com a família. Começou a trabalhar num prédio na freguesia de S. Roque, para depois iniciar um caminho de

trabalho na Osram, uma empresa de material elétrico, durante 24 anos.

Após sair desta empresa como vendedor, organizou se para fazer trabalhos de jardinagem com mais dois colaboradores. Com todos os seus anos de atividade, reformou-se.

Foi músico na Filarmónica Aliança dos Prazeres durante anos. Foi pela mão do Sr. Calisto que iniciava os rapazes nesta atividade cultural. Faz parte desta Filarmónica há 61 anos e hoje em dia faz parte da direção desta instituição, mas sem tocar instrumento.

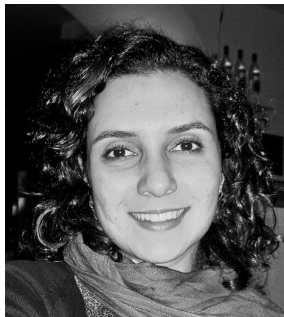
Uma vida cheia, de trabalho, de apoio à sua família e de uma grande conduta de respeito e educação com que sempre testemunhei.

Obrigado ao Tio Jaime e à sua esposa por me receberem na sua casa, à amizade que têm para comigo e ao carinho com que falam da minha família e do Monte.

Monte do Charco

Junho de 2023





Ana Carolina Bernardo

José e Eduardo

Desde que me lembro de ser gente que os conheço e as minhas filhas também. Apesar da tenra idade de 5 anos e um ano e meio, ambas sabem que o José e o Eduardo são os 'Camanes'. Elas cumprimentam-nos porque eu os cumprimento, mas, na verdade, essa relação começa sempre num olhar, gesto de cabeça ou até mesmo numa onomatopeia por parte deles, como forma de carinho, quando veem as minhas Marias.

Um dia destes, estávamos de carro a subir a Rua da Saudade e o José estava no passeio em frente ao cemitério. A minha Maria mais velha, como boa observadora e com toda a sua curiosidade de 5 anos, perguntou: "Mãe, como é que o "Caman" tá aqui tão longe?". Sim, porque ele costuma estar ao pé de nossa casa todos os dias, a vários horários, e talvez porque a Maria nunca tenha ido de nossa casa até ao cemitério a pé, considere que é muito longe.

Claro que não senti necessidade de explicar que o José todos os dias vai até ao cemitério desde que a sua mãe faleceu, como forma de estar mais perto dela. Um hábito ou ritual que lhe deve ajudar a passar o tempo também. Só respondi à Maria que o José passa o dia a andar de um lado para o outro.

Depois desta pergunta, foi um inquérito sobre o José e o Eduardo... Sou sincera, foram tantas as questões seguidas que nem consegui responder e já nem consigo me lembrar de todas. É interessante como uma 'nica' de gente tem tanto interesse naquilo que a rodeia e como a tantos adultos as mesmas questões passam despercebidas.

Quase no final do inquérito sobre os Camanes, a Maria pergunta: "Mãe e qual é o dia de aniversário deles? Tu sabes?"



Fiquei perplexa e triste comigo mesma. Aqueles dois homens são da responsabilidade de cada um de nós que nos cruzamos com eles no caminho... E a minha filha queria saber uma coisa que na infância é tão importante como o aniversário, e que provavelmente para eles, "Camanes", não tinha qualquer importância, mas poderia ter, caso nós, picopedrenses, tivéssemos interesse em lhes dar esta alegria.

A minha resposta foi: "não sei, filha, mas posso tentar saber".

Então a Maria perguntou logo: "tens o número deles," - referindo-se ao número de telemóvel, " para depois a gente mandar os parabéns?". Sim, nem sempre ligo a toda a gente que faz aniversário, mas por vezes envio uma mensagem de voz, com ou sem os parabéns cantados em família. Era para isso que ela queria saber se eu tinha o número.

"Não tenho, filha, o número deles porque eles não têm telemóvel. Mas também não é preciso, eles vão estar sempre pela rua. Damos os parabéns na rua, pode ser?"

Sim, pode"- respondeu ela. E logo mais uma questão surgiu, "mas eles também estão a ficar velhinhos, não estão?". "Sim, Maria, eles estão a ficar velhinhos. Não sei quanto, mas estão".

Para quem, como nós, quiser dar-lhes os parabéns, aqui fica. No dia 1 de setembro (1969) faz aniversário o José e o Eduardo a 26 de julho (1965).

Mais uma vez, nem imaginava a idade deles, como é possível? Tirando o José e o Eduardo que agora têm o cabelo mais curto, o que lhes tira os grisalhos que surgiram há uns anos, para mim, eles têm sempre a mesma aparência e idade que sempre lhes conheci desde que me lembro!

O OUTRO LADO DA FESTA

De novo o campo se veste
De alfaias para a festa
A verdura dos plátanos
Já desponta com vigor
Mas não dá para refrescar
A fachada do convento
Onde luzes multicores
Vão fazer da noite o dia
Iluminar de alegria
Quem vai à festa gozar
As ruas estão enfeitadas
Nas varandas colgadas
Gritam cores derramadas
De flores e de verduras
O velho giro perfumado
Onde passa a procissão
Gente que ali se aglomera
Nestas ruas, em cordão
Vão contemplando o desfile
Do guião e das opas
Em longas filas vermelhas
Com o sol a derramar-se
Em calor pela cidade
Ao estalar de foguetes
Repicos de alegres sinos
As bandas tocam o hino
Sai para à rua o andor
Onde se olha o senhor
Entre a profusão de flores
E de jóias coroado
Atrás seguem promessas
Uma nuvem de senhoras
Até a vista alcançar
Algumas vão descalças
Por uma graça pedida
Ou por outra concedida
São doenças, são angústias
De vidas atribuladas
São rostos de sofrimento
De gente amargurada
Para elas não há festa
Não há música, arraiais
Não há barracas, petiscos
Esta festa, a profana
Para elas não existe
Com o seu semblante triste
Ficam junto ao convento
Fixam o andor de frente
Continuam a orar
Olham nos olhos a imagem
Deste Cristo maltratado
Que sofreu tantos horrores
Confessam-lhe suas dores
E sentem-se animadas
Aquele olhar as conforta
Partem mais aliviadas

2023/03 G. Bernardo



Luís Miguel Almeida

“Se calhar...”

**AGORA NÃO TENHO LIMITAÇÕES DE TEMPO
EMBORA ME FALTE TEMPO PARA TUDO O QUE QUERIA FAZER.**

Esta é a segunda e última parte da entrevista que o professor Teófilo Braga nos concedeu no passado dia 4 de junho. Esta conversa versa sobre a sua vida de docente... agora recém reformado!

Começou a trabalhar em novembro de 1978, na Escola Preparatória Roberto Ivens. Antes de terminar o curso, estagiou na Escola Domingos Rebelo (1979/1980). Como profissionalizado, em 1980/1981, lecionou na Escola Secundária Padre Jerónimo Emiliano de Andrade, em Angra do Heroísmo. Reformou-se no dia 1 de maio deste ano, depois de ter lecionado durante mais de 44 anos, nas Escolas Secundárias Antero de Quental, da Ribeira Grande e das Laranjeiras.

Tirou o curso de Bacharelato em Ciências Físico-Químicas e Matemática. Depois complementou as habilitações com o Diploma de Estudos Superiores Especializados em Administração Escolar, equiparado a Licenciatura, o que lhe possibilitou que fosse eleito em Assembleia de Escola para ocupar o cargo de Presidente da Comissão Executiva Provisória da Escola Secundária da Ribeira Grande, em 2000-2001; mais tarde, tirou o Mestrado em Educação Ambiental.

P: Aponte dois aspetos que acha que melhoraram e dois aspetos que acha que pioraram, na área da Educação, desde o início da sua carreira até hoje.

R: No que diz respeito a aspetos que pioraram, posso dizer que possivelmente está relacionado com a sociedade no global, e que é a disciplina dos alunos na sala de aula. Nos meus primeiros anos, havia muito mais respeito pelo professor, os alunos eram muito mais disciplinados. Mas isto deve-se possivelmente ao facto de a escolaridade obrigatória daqueles anos ser mais reduzida. Outro aspeto que piorou, no âmbito do Estatuto da Carreira Docente, foi a idade de aposentação que aumentou. Não sou capaz de apontar aspetos que melhoraram desde que comecei a lecionar, mas, se for em relação ao tempo em que fui aluno, aponto o facto de a disciplina existente ser devida sobretudo ao medo que tínhamos de dar a nossa opinião, pois vivíamos em ditadura e a participação dos alunos não era encorajada.

P: Foi presidente do Conselho Executivo da Secundária da Ribeira Grande num ano letivo, 2002-2001 em que a organização da Escola mudou, por exemplo, os Conselhos Diretivos deram lugar aos Conselhos Executivos; no ano seguinte, também foi eleito pela Assembleia de Escola (novo órgão que não existia antes). Qual é a grande diferença entre ser só professor e só presidente do Conselho Executivo?

R: um professor não tem a mínima noção do funcionamento de uma escola. Só quando se está do outro lado é que nós temos conhecimento das dificuldades das famílias – muitas



vezes, os alunos são o que são, porque pertencem, algumas vezes, desestruturadas, outras vezes, a famílias com enormes dificuldades económicas. Só pertencendo ao órgão Executivo é que se tem a noção da dificuldade de gerir pessoas não só o pessoal não docente, mas sobretudo os docentes.

P. Que marcas é que acha que deixou aos seus alunos, enquanto professor, e à Escola, enquanto Presidente?

R: Em relação aos alunos, de uma maneira geral, o meu relacionamento com eles foi sempre fácil, nunca criei problemas e, depois, na minha disciplina tentei levar ao máximo rigor o seu carácter experimental, o que hoje muitas vezes não acontece. Muitas vezes a Física e a Química são de giz e eu sempre procurei que as escolas tivessem o máximo de equipamento disponível e, quando não havia, eu improvisava e conseguia fazer com que as aulas fossem mais suaves e que eles percebessem os conteúdos através da experimentação. Hoje em dia, condeno profundamente aquilo que, às vezes, se tenta impingir que é dar mais valor à informática do que à experimentação. Uma coisa é o aluno fazer uma determinada experiência, outra coisa é fazer uma simulação no computador. Em relação ao desempenho do cargo de Presidente, penso que os dois anos foram dois anos de muita dedicação, embora tenha sido Presidente não por muita vontade, mas porque seria talvez, de acordo com os meus colegas, o mais habilitado por possuir um curso de Administração Escolar para suceder ao presidente anterior. Esta situação foi discutida na Assembleia de Escola, eu afirmei que não queria ser presidente, mas, se me obrigassem a ser, eu já tinha escolhido dois colegas para me acompanharem. Ainda em relação à escola, penso que foi o bom relacionamento que eu mantive com a generalidade dos colegas e o empenho total para tentar superar gran-

“Se calhar...”

Continuação

des dificuldades com que a escola se debatia.

P: O professor Teófilo e a sua primeira equipa ficam na história da Secundária da Ribeira Grande por terem sido a Comissão Executiva Provisória dessa Escola, no momento em que o modelo de gestão das unidades orgânicas sofreu uma profunda reforma – como registado acima. Esse marco foi muito importante e foi muito positivo.

R: Sim, eu e as minhas colegas tivemos essa importante missão. Penso que, mesmo antes de entrarmos para o órgão de gestão, nós participamos na elaboração dos documentos que viriam a ser a base do novo modelo de gestão, como, por exemplo, o Regulamento Interno da escola; já no Conselho Executivo, nós melhoramos todos os documentos do novo modelo de gestão e deixamos para a equipa que se seguiu a escola bem organizada e com muitas verbas que conseguimos através de apoios exteriores, nomeadamente da Fundação Calouste Gulbenkian.

P: O que é que o Pico da Pedra tem de tão especial que a distingue das outras freguesias?

R: Vim para aqui por razões sentimentais, apesar de gostar muito da minha terra, a Ribeira Seca de Vila Franca do Campo. Hoje em dia, lá sinto-me desenraizado, porque haverá possivelmente meia dúzia de pessoas mais ou menos da minha idade que eu ainda conheço, com os jovens já não tenho qualquer tipo de ligação. O Pico da Pedra distinguia-se muito sobretudo nos primeiros anos, a seguir ao 25 de Abril, devido a uma grande dinamização das várias instituições, como, por exemplo, a Casa do Povo e a Junta de Freguesia. Foi criada a Cooperativa de Consumo, foi criada a Cooperativa Pícolar.

Havia sobretudo uma grande dinamização das várias orga-

nizações por parte dos mais jovens da freguesia. Com o tempo, a participação foi diminuindo e hoje em dia não sei se há grande distinção em relação a outras freguesias. Em relação à minha há: o Pico da Pedra tem muito mais população, muito mais pessoas com capacidade de dinamizar seja o que for. Na Ribeira Seca de Vila Franca do Campo, a população é tão reduzida que a Junta de Freguesia, com poucos recursos, não tem qualquer atividade dinamizada além de limpeza de ruas e pouco mais.

P: Agora que está reformado, como é a sua vida? O que não faz agora que fazia quando trabalhava?

R: O que não faço agora é ter a obrigação de “dar” aulas. O que faço agora é o que fazia antes, mas com limitação de tempo. Neste momento, continuo a fazer investigações sobre vários assuntos, como a vida e obra de Alice Moderno e Maria Evelina de Sousa, o uso tradicional das plantas nos Açores ou a oposição às guerras ao longo dos tempos, e continuo a minha ligação à terra, que agora é maior. Antes ia à terra só ao fim de semana, agora, tenho todos os dias disponíveis para mondar, para podar, para fazer os trabalhos necessários a quem tem algum terreno com árvores de fruta - bananeiras, essencialmente. Também este ano comecei um projeto novo que foi o de plantar cerca de mil e quinhentas plantas endémicas e nativas. Nos últimos tempos tenho de estar a fazer a manutenção destas plantas, sobretudo a mondar, para elas poderem suportar o próximo verão, quando há sempre menos chuva. Além disso também me dedico à apicultura. É essencialmente isto: agora não tenho limitações de tempo embora me falte tempo para tudo o que queria fazer.

“Dois Livros por Trimestre”

Luís Almeida



Esta obra de António Rocha e Liliana Janeiro apresenta uma estrutura muito curiosa: cinco dos poemas foram escritos pelo casal (engenheiro e enfermeira), outros quinze escritos pela Liliana e outros quinze pelo António. Digno de nota é também o facto de Liliana Janeiro ser natural da freguesia da Ribeirinha e ter sido aluna na Escola Secundária da Ribeira Grande.

Os textos são muito musicais, muito sensacionistas e em registos muito distintos – desde os mais

descontraídos (POEMA MICAELENSE A 2, “Eu tou com fri, / Vou-me vesti! / Nã! Vou-me cobri, / E vou traduzi / O que vem dali! / ...).

De todos, destaco dois poemas. O primeiro é da Liliana – “O QUÊ?”, uma pergunta que abre caminho a um discurso de revolta pelos que se acanham e não sonham e não realizam (“Vergonha? / Vergonha de quê? / Vergonha de quem? / Para quê? / ... / Vergonha? DE quê? Para quê? / Se todos se sentem assim...”). O do António são quatro quadras, “SER MENINO”, em que narra (não, não é erro meu, narra mesmo, conta) com simplicidade e objetividade, mas também com ternura, o ciclo de vida humana – (“Era uma vez um menino / Que não queria crescer. / No meio de muita correria / Ele queria era viver. / ... / Um certo dia chegou / E ele nem notou / Que nas saias da mãe já não cabia. / ... / E agora cá ele anda / Sem saber bem o que fazer, / Tem uma filha a crescer. / ...).

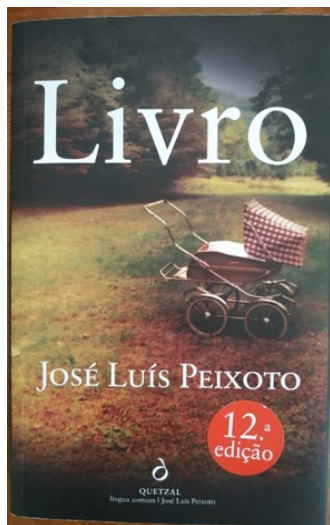
Estes poemas são excelentes para leituras expressivas e para serem dramatizados!

“sérios” (ILHA, “Ali reside a alma! / Sobre as águas te levantas / Neblina intacta / de Verdes Mantas. / ...”) aos mais

Continua na página seguinte

“Dois Livros por Trimestre”

Luís Almeida



Estou cada vez mais entusiasmado com as obras de José Luís Peixoto.

Uma vila no interior de Portugal de meados do séc. XX (a ação termina com a entrada do nosso país na Comunidade Económica Europeia), salazarista, de miséria, sempre faminto, sujo, onde os trabalhadores rurais são espremidos além do limite, que incita os mais pobres a emigrarem clandestinamente para a França, em especial nos anos 60, à procura da vida. Mas esta história, que já tantas vezes vimos noutras obras, ganha

uma dimensão humana – crua e mágica, como a vida é! –, por causa das personagens criadas pelo autor (d. Lubélia, a louca, Galopim, o deficiente, Constantino, o Lenine, por exemplo) e pela capacidade de José Luís Peixoto transformar coisas banais em brutais momentos poéticos (“Escuta. Esta palavra simples, de sílabas simples, foi entendida pelo Ilídio de modo completo, estava a ouvi-la antes de ser dita e continuou a ouvi-la no silêncio que se lhe seguiu. Aquela voz a dizer aquela palavra fazia parte do Ilídio. Podia ouvi-la na cabeça sempre que quisesse.”) e de registar ingenuidades de adolescentes (“Se namoares comigo, dou-te um pombo, cem escudos e um livro.”, “Sim, então o quê? / Então o quê, então a gaja? / Então a gaja o quê? / Então, a gaja os tomates. Conta, porra. / O Ilídio riu-se e contou.”) e de reproduzir inocências do próprio narrador (“O Ilídio tinha morrido. / Afinal, o Ilídio não tinha morrido. Que susto.”). E o que dizer deste processo de sedução? “O livro estava mexido. Alguém o tinha aberto numa página, número 224, e feito uns pequenos círculos a lápis, à volta das seguintes palavras: gosto, de ti. [...] Com um lápis afiado, fez um círculo à volta das palavras: não, me, conhece, E sentiu os nervos. [...] Na página seguinte, tinha feito círculos à volta das seguintes palavras: mas, quero, conhecer. [...] Escolheu fazer círculos à volta de: o seu, nome, ?.”

Um enigma final: Livro, o título, será um nome comum ou um nome próprio? Por outras palavras e respetivamente: será o objeto ou uma pessoa?...

narrando a história de uma família desencontrada (sem apelido) e de uma vila (sem nome) portuguesas ao longo de 70 anos do século XX, descrevendo situações típicas do subdesenvolvimento do interior rural, bem como da reação campesina, emigrando para França, na década de 60.

naturalismo (vida de Galopim e do irmão deficiente; mulher lobo na raia entre Portugal e Espanha; a morte da velha Lubélia; a existência diária do Daquele da Sorna...).

Terceiro, com a adolescência de Livro (nome do narrador personagem, não título do romance) em Paris, os “eus” psicológicos, até então profundamente sólidos, dotados de entidade pessoal, estilham-se, multiplicando as pulsões no seu interior (Livro opera uma deriva existencial; Adelaide, sua mãe, divide-se interiormente entre educação portuguesa provinciana e os novos costumes parisienses; Constantino, seu putativo pai, falhado o maio de 68 e a Revolução dos Cravos, esquizofreniza-se, incorporando a figura

revolucionária de “Lenine”, tratando o filho por pai e a mulher por mãe). É a pulsão “*presencista*” (psicologista) do romance português, nomeadamente a multiplicação dos “eus” de *O Jogo da Cabra Cega* (1934), de José Régio.

Em quarto lugar, criticando o neorealismo (p. 238), o narrador assume, na segunda parte, o *desconstrutivismo* das décadas de 60 e de 70, o fragmentarismo, a auto-referencialidade, o pós-modernismo (p.227), a confluência sincrética, por vezes caótica, de estilos, de textos de proveniência diversa (citação amiúde de nomes de autores, listas de livros, inquérito ao leitor...), evidencia o *intelectualoidismo* narrativo próprio daquelas décadas (grafia de “Heraclito, o Efésio” em grego clássico), o privilégio da conotação face à denotação...

Em quinto lugar, enquanto totalidade romanesca, recupera a categoria de “grande narrativa” (décadas de 80 e 90) como arte de contar uma história com princípio, meio e fim (as vidas de Adelaide e Ilídio).

Livro é uma espécie de novelo narrativo com a ponta virada para fora, puxada a qual se desenrola a nossos olhos a história portuguesa dos últimos 70 anos (Salazar e a Pide; os párocos de aldeia, coniventes com o poder político; a miséria dos campos; os ricos - a família de Dona Milú - e os pobres - a vila inteira, sem esgotos, sem ruas alcatroadas, sem água canalizada; a história da emigração; o 25 de abril e a adesão à Europa; a riqueza de pato-bravo dos emigrantes; as casas de fachada forrada de azulejos de casa de banho...).

De forma circular, automanifestando a génese do narrador e das condições existenciais da narração, operando por vezes um diálogo explícito com o narratário (p.247), substituindo os capítulos clássicos por fragmentos titulados por letras, números e datas, jogando um puzzle de peças soltas unificadas pela consciência do leitor, *Livro* constitui um magnífico retrato, à entrada do século XXI, do modo de narração de uma história, simultaneamente obedecendo e subvertendo a tirania da cronologia

Lexicalmente, assiste-se a confluência entre um vocabulário rural e um vocabulário urbano, e, por vezes, sobretudo nas falas de Cosme da segunda parte, explicita-se o *patuá* da emigração portuguesa para França.

Este livro elege como cenário a extraordinária saga da emigração portuguesa para França, contada através de uma galeria de personagens inesquecíveis e da escrita luminosa de José Luís Peixoto. Entre uma vila do interior de Portugal e Paris, entre a cultura popular e as mais altas referências da literatura universal, revelam-se os sinais de um passado que levou milhares de portugueses à procura de melhores condições e de um futuro com dupla nacionalidade. Avassalador e marcante, *Livro* expõe a poderosa magnitude do sonho e a crueza, irónica, terna ou grotesca, da realidade. Através de histórias de vida, encontros e despedidas, os leitores de *Livro* são conduzidos a um final desconcertante onde se ultrapassam fronteiras da literatura. *Livro* confirma José Luís Peixoto como um dos principais romancistas portugueses contemporâneos e, também, como um autor de crescente importância no panorama literário internacional.



Eusébio Couto

(Email: eusebiocouto@sapo.pt)

Do pico da pedra

Pico da Pedra, agosto de 2023

Dependências, uma doença ou remédio?

Falar, escrever ou simplesmente refletir sobre dependências altamente viciantes como são as drogas, não só é complexo, como é por vezes humanamente incompreensível.

Como eterno aprendiz e curioso interessado em compreender as causas dos nossos comportamentos, mesmo os ditos incompreensíveis, um dia desses vi-me a assistir nesta qualidade, a uma conferência na Universidade dos Açores sobre as drogas em geral e particularmente sobre as ditas novas substâncias psicoativas (NSP). A apresentação foi excelente, muito bem sistematizada e documentada, principalmente sobre a constituição e efeitos destas novas substâncias, não fosse a apresentação efetuada pelo Professor Catedrático Félix Carvalho especialista na matéria.

Contudo confesso, não obstante, ter sido interessante, a minha curiosidade e desejo, era saber mais sobre os utilizadores desses produtos e sobre as razões para a sua utilização. Bom, problema meu, porque não era este o tema da conferência.

No entanto, no contexto da apresentação, lembrou o conferencista, que já foi na década de noventa que a toxicodependência foi considerada doença com legislação aprovada neste sentido e obviamente também assim aceite pelo SNS.

Esta referência desligou-me da parte técnica da conferência, para com o meu espírito perverso, que gosta de pensar fora da caixa. me por a divagar, se de facto a toxicodependência é uma doença, então as drogas são o remédio, só que infelizmente e mais uma vez, este remédio é para atacar simplesmente os sintomas como muitas outras doenças, neste caso agravando ainda mais o problema. Se há mais de trinta anos a toxicodependência já era considerada doença, agora já poderia ser decretada como fatalidade quase incurável e com efeitos de arrepiar quase os mortos com as NSP.

Não será de facto a toxicodependência um remédio para uma doença preexistente no jovem e agora cada vez mais no adolescente, de falta de atenção, de carinho, de aceitação por ser diferente e porque não dizer mesmo de Amor nos seus primeiros anos de vida? Será que, como não encontra a satisfação para a cura destas necessidades, procura um remédio alternativo de alienação para os seus males? Em vez de a sociedade tentar eliminar o remédio,

não deveria eliminar as causas da sua verdadeira doença?

Reconheço que não é tarefa fácil, mas com os brutais investimentos feitos em economia, famílias dilaceradas e vidas perdidas para combater este flagelo, acredito que com muito menos e sobretudo com uma mudança de perspetiva sobre o problema, conseguiríamos resultados diferentes de certeza, canalizando por exemplo este investimento para medidas e medicina mais preventiva, nomeadamente na especialidade de psicologia e assistência familiar e social e acima de tudo em formação integral e cidadania nas escolas primárias (primeiro ciclo). Tudo isto, claro, se a formação dos pais, mas mesmo os dois progenitores ou cuidadores, não fosse suficiente para satisfazer as principais necessidades da criança, nomeadamente, a necessidade de muita “pele” (apego), permitir e aceitar ser ela própria (preservar a sua autenticidade) e acima de tudo muita brincadeira (brincar para uma criança pequena, é quase mais importante do que comer).

Pelo menos, foi a esta conclusão que muita investigação e trabalho de campo, levado a cabo por muitos especialistas entre eles psicólogos e médicos concluíram. Se tiverem curiosidade, vejam por exemplo o que diz sobre este tema o médico, pesquisador e escritor Gabor Maté que trabalhou durante anos com toxicodependentes e sem abrigo e foi também protagonista de um filme sobre a matéria intitulado “A sabedoria do trauma”, que vale mesmo a pena ver.

Por vezes cruço-me com jovens também nesta nossa pacata freguesia do Pico da Pedra, que sofrem desta “malfadada doença” que me deixam cheio de compaixão. Cabisbaixos, alheados do mundo que já não é deles. Pelo menos é assim que pensam e se sentem. Abandonados e rejeitados tal qual crianças birrentas paradas no tempo. Contudo, se levanto a minha cabeça e a minha voz e dou-lhes um sonoro bom dia, emoldurado por um sorriso compassivo, os seus olhos levantam-se, reduzem as pupilas mostrando que afinal ainda existe esperança, e dizem-me também através de um sorriso, que podem ter cura, basta todos querermos.



Paula Cabral

“Memórias”

A gaveta

Era criança e a minha mãe, às vezes, propunha-me "endireitar" as gavetas como forma de me entreter quando lhe pedia sugestões, porque não sabia ao que brincar.

Organizar gavetas podia ter sido uma rica aprendizagem para a vida se tivesse aproveitado para enriquecer as capacidades de organização e disciplina... Em vez disso, detinha-me a divagar sobre o que encontrava.

Na antiga cozinha da nossa casa, aquela última gaveta do armário branco era especial. Era onde a minha mãe guardava as cartas da família. As cartas da avó Espírito Santo, das tias da América e dos tios do Canadá. Também guardava os postais de Natal mais bonitos, dos famosos "Hallmark", que nos remetiam para cenários mágicos de montanhas de neve, com cabanas que deixavam adivinhar o acolhimento de lareiras acesas, rodeadas de árvores, altas e iluminadas por luzes multicolores, e bonecos de neve sorridentes. Lembro-me desses preciosos registos e tenho pena de a minha mãe não os ter guardado até hoje. Seriam autênticos documentos históricos das vivências daquele tempo, tão marcado pela separação das famílias e da emigração. As cartas da avó começavam sempre da mesma maneira " Saudosos filho, nora e netos, espero que esta carta vos encontre de boa saúde"... fazia referência depois ao estado de saúde da família do outro lado do Atlântico e seguia-se um rol de conversas escritas como se estivesse a falar connosco em presença, dando conta da vida, do trabalho, disto ou daquilo. Por vezes, a falta de pontuação dificultava a leitura, mas a experiência da oralidade e da arte de conversar recuperava o fio à meada.

Parece que foi há tantos anos. Foi apenas um lapso de tempo que, entretanto, mudou o mundo. Havia tempo para escrever e para receber cartas, cuja leitura se saboreava em família. A minha mãe respondia pelo filho com toda a ternura, dando conta de como a vida sucedia também por aqui. Esperava pelo carteiro, que era o Sr. José 'Carteiro', há anos, sempre a percorrer as mesmas ruas, com o seu característico saco grande de couro, sabendo de cor e salteado, quem vivia em cada uma das casas da freguesia. O Sr. José, sempre tímido e muito rosado, acabava a sua tarefa muito cansado e já, perto da reforma, desabafava frequentemente que "estava que nem uma malassada" tal era a maçada.

Havia este tempo de demora na ' volta do correio', todavia um tempo de espera alegre, expectante, sempre na esperança de boas notícias, talvez até o anúncio da próxima vinda à ilha.

Hoje, já ninguém escreve cartas. A comunicação, por se saber garantida e instantânea, até ficou mais rara. Não tem

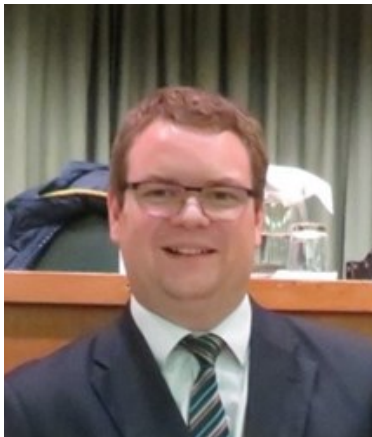
o mesmo sabor da palavra escrita à qual se voltava sempre que chamava a saudade. O cheiro das cartas trazia um pouco da América até nós. E é por isso que o tempo passa tão rapidamente, porque não nos damos o prazer de apreciar, de esperar, de desejar, de sentir a demora até 'doutra vez, se Deus quiser'. Passamos a correr pelos dias sem que nada seja digno de ficar registado. Nem ninguém se importará saber. Os chamados carteiros são agora temporários, não sabem os nossos nomes de cor nem trazem as boas novas na "carta da sua sogra!" ou do "seu irmão do Canadá!", nem nós sabemos quem são os que nos batem à porta para entregar algo que já se fez anunciar eletronicamente. Nada surpreende e tudo passa sem a aventura da espera. O tempo extinguiu-se na previsão dos gestos, no cumprimento dos horários, na planificação da vida que não pode falhar. Não há lugar para o inesperado. De tanto arrumar o tempo em gavetas, ficamos sem o que precisávamos para o apreciar, para o deter e prolongar, fazê-lo render como só as crianças que ainda perguntam às mães o que fazer com o seu tempo de sobra. Se calhar, também já sobram poucas as que perguntam...

ODOR DA TERRA

Viver no campo é sentir
De perto todos os sons
Ver modelar a vida
Saborear as manhãs
Devorar cada poente
E esperar que o nascente
Nos traga paz e calor
Agradecer sem palavras
Estas nuances de verde
A ficarem tão maduras
Despertar suavemente
Com a melodia das aves
Inalar o odor da terra
Depois de uma chuvada
Ler numas mãos calejadas
Folhas de sabedoria
E aprender com quem cria
Nosso comum alimento
E abre a terra vazia
Acendendo dia-a-dia
A fogueira do sustento
2022/08. G. Bernardo

VOOS

Olho do meu canto, escuto
Os rumores deste chão
O Douro desliza suave
Para se lançar nos braços
Deste mar que o espera
E a chuva cai mansinha
Alaga todo o caminho
Espelhando a calçada
Passa gente encapotada
E aqui do meu lugar
Vejo gente abrigada
E uma gaivota poisada
No canto duma janela
E sinto nos olhos dela
Que tal como eu espreita
A oportuna estiada
E sonhamos com o sol
Enxugando a humidade
Para que eu vá com ela
Em voos pela cidade
2023/01 G. Bernardo



André Oliveira
setembro de 2023

Considerações

Lei da Habitação

Numa altura em que a inflação parece estar a desacelerar, o Banco Central Europeu assume que as subidas das taxas de juro de referência poderão ser mais brandas e que as taxas Euribor podem estar a atingir o seu pico, eis que o Presidente da República veta o pacote Mais Habitação, com duras críticas às medidas do Governo de António Costa para combater a crise da habitação em Portugal.

O Presidente da República sublinha a falta de responsabilidade e participação do Estado na construção de mais habitação, a falta de eficácia do arrendamento forçado e a complexidade do regime do alojamento local, levando, inclusive, ao desinteresse dos investidores privados. Critica, ainda, a falta de medidas imediatas para ajudar as famílias nos encargos com juros e rendas.

Resumindo, o pacote Mais Habitação, para o Presidente da República, não resolve nenhum problema da habitação, pelo menos no curto prazo. São críticas muito duras, apesar de já se saber que o diploma será confirmado pelo Partido Socialista no parlamento português.

Ora, o problema da habitação é, de facto, um problema sério para as famílias portuguesas, incluindo as famílias açorianas.

Vejamos alguns dados interessantes, mas preocupantes.

Segundo o INE, em 2022, o valor mediano das vendas por metro quadrado de alojamentos familiares na Região Autónoma dos Açores foi 1.034 euros, valor mais baixo que o Continente Português (1.492 euros) e que a Região Autónoma da Madeira (1.571 euros). Comparado com 2019, existe um aumento de 32,7%, valor inferior ao do Continente Português (36,1%) e superior ao da Região Autónoma da Madeira (29,4%).

Já o valor mediano das rendas por metro quadrado de novos contratos de arrendamento de alojamentos familiares cifra-se em 4,40 euros na Região Autónoma dos Açores em 2022, com um aumento de 12,0% face a 2019. No Continente Português o valor cifrou-se em 6,55 euros (+22,9% face a 2019) e na Região Autónoma da Madeira cifrou-se em 5,99 euros (+22,7% face a 2019).

No que concerne ao crédito à habitação, segundo dados do SREA, a taxa de juro implícita na Região Autónoma dos Açores era de 4,065% em julho de 2023, valor superior ao do Continente Português (3,863%) e da Região Autónoma da Madeira (4,029%). Em dezembro de 2019, este valor era de 0,897%.

Estes são apenas alguns dados que reforçam a subida abrupta do custo da habitação para as famílias em Portugal.

A proliferação do Alojamento Local também tem merecido críticas, pelo efeito que o mesmo poderá estar a ter na subida dos preços de venda de casa e pela retirada de edifícios para habitação, apesar de serem conhecidos os efeitos positivos que o mesmo teve na reabilitação urbana e do edificado devoluto, na diversificação da oferta de alojamento turístico, sobretudo no meio rural, e na criação de novos rendimentos para muitas famílias.

Segundo dados do SREA, já se encontravam em atividade 3.119 estabelecimentos de alojamento local em dezembro de 2022, com uma capacidade de alojamento de 17.778. Em dezembro de 2014, o número de estabelecimentos era de apenas 171.

Não se sabe se o pacote Mais Habitação poderá resolver os problemas da habitação, no todo ou em parte. O que se sabe é que o custo da habitação está a ter um peso muito grande no orçamento familiar e que é cada vez mais difícil um casal jovem poder adquirir uma habitação própria e permanente. Será que o pacote Mais Habitação dará respostas? Ou teremos de aguardar pelas descidas das taxas de juro para aliviar esta pressão? Estaremos cá para ver (e, entretanto, a pagar bem).





José Francisco Tavares Lopes

Recordações!

“Uma mão que te ajuda a levantar quando você cai é muito mais importante do que mil abraços que te abraçam quando você está em pé”

RECORDAÇÕES!

Muitas vezes, com a mania da esperteza que nós temos, esquecemo-nos de ver bem as verdades da vida da Igreja Católica que nos transmitem alguns brilhantes padres, professores da bondade que existe em situações milagrosas dos seus concelhos, resultantes de espetaculares razões da credibilidade nas intenções do Pai do Céu e da Terra.

Lembrei-me de contar-vos uma história, que acho interessante e que conheço já há alguns anos, desconhecendo quem é o seu autor. Vejam esta

BONITA NARRAÇÃO DO CATOLICISMO!

Um jovem chega junto do Sr. Padre e diz-lhe:

- Sr. Padre, não virei mais para a Igreja!

O Sr. Padre então pergunta-lhe:

- Mas porquê?

O jovem respondeu:

- Ah! Nela eu vejo a irmã que fala mal da outra irmã; o irmão que não lê bem nem a epístola nem a oração dos fiéis; o grupo de cantores que vive desafinando; as pessoas que durante as missas ficam olhando o telemóvel, entre tantas e tantas outras coisas erradas que vejo fazer na igreja.

Disse-lhe então o Sr. Padre:

- Okay! Mas antes quero que tu me faças um favor: pega num copo cheio de água e dá três voltas pela igreja sem derramares uma gota de água no chão. Depois disso podes sair da igreja.

E o jovem pensou: isto é muito fácil!

E deu as três voltas conforme o Sr. Padre lhe pedira. Quando terminou disse:

- Pronto, Sr. Padre.

O Sr. Padre perguntou-lhe então:

- Quando tu estavas dando as voltas, viste uma irmã falar mal da outra?

O jovem respondeu:

- Não.

- Viste as pessoas reclamarem umas das outras?

O jovem respondeu:

- Não.

- Viste alguém olhando o telemóvel?

O jovem respondeu:

- Não.

Disse-lhe então o Sr. Padre:

- Sabes porquê? Porque tu estavas focado no copo para não derrubar a água. O mesmo é a nossa vida. Quando o nosso foco for Nosso Senhor JESUS CRISTO não teremos tempo de ver os erros das pessoas.

CONCLUSÃO: QUEM SAI DA IGREJA POR CAUSA DE PESSOAS, NUNCA ENTROU NELA POR CAUSA DE JESUS CRISTO.

PENSAR EM DEUS

COMO ELE MERECE!...

Argumentar que o catolicismo é falso, por não transformar a vida daqueles que não o praticam, é como argumentar que a aspirina não funciona porque não alivia as dores de cabeça daqueles que não a tomam” – GARY HOGE





Teófilo Braga

Pico da Pedra, 3 de agosto de 2023

As plantas e a medicina popular no Pico da Pedra (3)

Para este número da VOZ POPULAR optei por escrever sobre um arbusto que já foi muito usado tradicionalmente e que hoje é quase desconhecido da maior parte das pessoas, não só do Pico da Pedra, mas também de toda a ilha de São Miguel.

O sabugueiro (*Sambucus nigra*), também conhecido como sabugo ou rosa-de-bem-fazer, foi uma das plantas usadas nos Açores para servir de sebe e tapume para separar



propriedades, nomeadamente os quintais das moradias.

O sabugueiro, que é nativo da Europa, da Ásia Ocidental e Central e do Norte de África, encontra-se naturalizado em quase todo o mundo e nos Açores existe em todas as ilhas.

O sabugueiro é um arbusto de folhas caducas que pode atingir uma idade de 20 anos. Possui uma altura que varia entre os 3 m e os 5 m. A suas folhas são opostas, com cerca de 12 cm de comprimento e apresentam um número ímpar de folíolos. As flores são brancas e surgem entre os meses de maio e julho.

O miolo dos caules do sabugueiro foi usado sob a forma de uma esfera como um dos componentes de um pêndulo elétrico, aparelho usado nos laboratórios de Física das escolas. No final da década de 80 do século passado, eram já raros os alunos que conheciam a planta.

No passado, pelo menos até à década de 70 do século XX, com os seus caules ocos, as crianças faziam uns brinquedos que eram conhecidos como “estalos” e que surgiam na época da apanha das laranjas”.



No seu livro “A Alma do Povo Micaelense”, publicado pela primeira vez em 1927, o padre Manuel Ernesto Ferreira refere uma crença associada ao uso do sabugueiro. Assim, acreditava-se que “um rosário, feito com cinco ou sete rodela de sabugueiro e posto ao pescoço das crianças, tem o condão de preservá-las do garrotilho”, doença comum na infância causada por um vírus que provoca “inchaço nas vias respiratórias superiores, envolvendo a laringe e a traqueia”. Curiosamente, em 2002, um morador na Ribeira Seca da Ribeira Grande, com 74 anos de idade (nascido em 1928), corroborou o mencionado por Ernesto Ferreira.

De acordo com António Cunha, Alda Silva e Odete Roque, autores do livro “Plantas e Produtos Vegetais em Fitoterapia”, editado pela Fundação Calouste Gulbenkian, “as flores são, tradicionalmente, usadas na gripe e outras inflamações das vias respiratórias (tosse e bronquite). Hemorroidal e fragilidade capilar. Topicamente, em estomatites, faringites, feridas e queimaduras. Os frutos são usados na medicina popular, externamente, em dores, no edema e na inflamação reumatismal. As cascas, na oligúria e litíase renal”.

Como não há bela sem senão, os autores acima referidos, chamam a atenção para intoxicações provocadas pelo uso dos frutos, das cascas e das folhas do sabugueiro pelo que não recomendam o seu uso.

No que diz respeito ao seu uso na medicina popular nos Açores, de acordo com Silvano Pereira (1953), as flores eram usadas em infusão como diurético e sudorífico.

Nos inquéritos que fizemos, no concelho da Ribeira Grande, em 1992, a flor do sabugueiro era usada para debelar a febre, na Lomba da Maia, enquanto na Lombinha da Maia usavam-se as bagas para combater a diarreia. Na Ribeira Seca de Vila Franca do Campo, o “chá” das flores era usado para combater as dores de barriga. Nas Sete Cidades, os respondentes mencionaram o uso da “rosa de sabugueiro” para aliviar a “indisposição, as dores de estômago e as gripes”.

No Pico da Pedra, em 1992, uma moradora da Avenida da Paz referiu que as folhas de sabugueiro eram usadas em infusão para tratar a bronquite.



Edison Alves Dias

A propósito da JMJ (jornada mundial da juventude)

Uma seara de fé e de gente
com o Tejo por testemunha
e uma vontade submissa
de alegria inocente a reclamar
a mudança
sem um ponto concreto no mudar!

Ouvimos, aquela voz serena e pura,
um foco de luz de esperança de igualdade
de quem vem das Patagónias,
alertar pela justiça social.

Mantenho uma visão incrédula,
Escorreita e de triste demanda,
em cada canto do globo,
no longe ou no perto,
as trupes dominantes e de ódio,
no chão mais verme do "Humano"
acrescentam conflito ao conflito
sem qualquer sinal de emenda!

E de tão lenta a mudança,
apesar da justa voz de Paz,
melhor será a luta concreta e contínua,
e reclamar,

com força persistente,
o cerne transcendente
da natureza do clima do pão

pela saúde pela educação

e pela tolerância
de múltiplas visões
da Vida,

e do Mundo.

Enfim...

Escuto o coro sebastiânico da mudança reclama-
da

por "todos... todos... todos",

a flutuar

por este Tejo de muitos silêncios e de muitas
máscaras vazias.

*Escrito na varanda da minha casa com vista
para o Tejo e o Terreiro do Paço
a 05-08-2023*



Batismos

Receberam o Sacramento do Batismo na nossa Igreja Paroquial, as seguintes crianças:

19 MARÇO 2023

- **Beatriz Vieira Cabral**, filha de Telmo Jorge Penacho Cabral e de Cátia Amaral Vieira.

07 MAIO 2023

- **Yara Silva Amaral**, filha de André Filipe Medeiros Amaral e de Ana Sofia Raposo Silva.

- **Vasco Tavares Moniz**, filho de Carlos Alberto Furtado Moniz e de Cláudia Sofia Senra Tavares.

14 MAIO 2023

- **Leonor Raposo Ferreira**, filha de Milton Linhares Ferreira e de Débora Margarida Rodrigues Raposo.

- **Santiago Raposo Ferreira**, filho de Milton Linhares Ferreira e de Débora Margarida Rodrigues Raposo.

20 MAIO 2023

- **Joana Maria Sousa Machado**, filha de Rui Miguel Brasil Machado e de Susana Manuela Sousa.

28 MAIO 2023

- **Lourenço Morais Melo**, filho de Marco António Carvalho Melo e de Vanessa Alexandra Medeiros Morais.

08 JUNHO 2023

- **Miguel Macedo Moniz**, filho de Ruben Augusto Costa Moniz e de Susana Margarida Rodrigues Macedo.

- **Madalena Isabel de Oliveira Machado**, filha de Rui Daniel Silva Machado e de Cristina Sofia da Costa Oliveira Machado.

- **Guilherme Manuel Jesus Pita**, filho de Nuno Figueira Pita e de Andreia Patrícia Silva Jesus.

- **Flor Estrela Miguel Gonçalves Silva**, filha de Dário Miguel Gonçalves Silva e de Rafaela Estrela Miguel.

09 JULHO 2023

- **Alice Ferreira Feleja**, filha de Vasco Rafael Melo Feleja e de Cátia Sofia Cordeiro Ferreira Feleja.

16 JULHO 2023

- **Martim Brum Bernardo**, filho de Fábio Alexandre Raposo Bernardo e de Vera Sofia Medeiros Brum.

30 JULHO 2023

- **Maria Rita Ponte Cansado**, filha de João Pedro Calisto Cansado e de Ana Rita Branco Ponte.

- **Romeu Oliveira de Andrade da Silva Maiato**, filho de Bruno Silva Maiato e de Fabíola Raquel Oliveira Luís Gouveia de Andrade.

05 AGOSTO 2023

- **Athan Moniz Sezik**, filho de John Sezik e de Bruna Penacho.

- **Francisco Moniz Vieira**, filho de Acácio Filipe Vieira Cabral e de Cândida Flor Moniz Penacho.

06 AGOSTO 2023

- **Núria Costa Pacheco**, filha de Nuno Miguel Gaspar Pacheco e de Andreia Filipa Machado Costa.

12 AGOSTO 2023

- **Lucas Andrade Lima Nunes**, filho de Pedro Miguel Almeida Nunes e de Rira Andrade Lima.

15 AGOSTO 2023

- **Gustavo Santos Maciel**, filho de Ruben Manuel Silveira Cardoso Maciel e de Sílvia Marisa da Silva Santos.

21 AGOSTO 2023

- **Sabrina Micaela Aguiar Cabral**, filha de Hélio Micael Amaral Cabral e de Dina Maria Farias Aguiar.

- **Luna Nayara Aguiar Cabral**, filha de Hélio Micael Amaral Cabral e de Dina Maria Farias Aguiar.

- **Michael Júnior Aguiar Cabral**, filho de Hélio Micael Amaral Cabral e de Dina Maria Farias Aguiar.

VIII ACARAL Açoriano Maugli nos Mistérios da Montanha

Os lobitos da Alcateia 76 do Agrupamento 1144 – Pico da Pedra participaram, de 5 a 10 de julho, no VIII ACARAL (Acampamento Regional de Alcateias), que se realizou na ilha do Pico, sob o imaginário “Maugli nos Mistérios da Montanha”.

Os nossos dezassete lobitos, acompanhados pelas suas três chefes de secção e por mais três chefes do agrupamento que foram prestar serviços, voaram até à ilha mais montanhosa do nosso Arquipélago e não se cansaram de colecionar experiências inesquecíveis e conhecer novos amigos.

Foi uma semana em que conheceram a ilha do Pico ao mesmo tempo que participavam em atividades muito diversificadas: educativas, radicais, culturais, etc. Mas todas muito divertidas!

Regressaram à nossa freguesia escuteiros com mais experiência e certos que servirão o próximo *Sempre da Melhor Vontade!*



PIONEIROS DO AGRUPAMENTO DO PICO DA PEDRA NA ILHA MONTANHA



Os pioneiros do Agrupamento 1144 do Pico da Pedra, acompanhados por quatro chefes e dois caminheiros, deslocaram-se, de 5 a 12 de agosto, em atividade, à ilha do Pico.

Tiveram como principal objetivo a subida à montanha mais alta de Portugal. Objetivo que foi concretizado na madrugada de terça-feira, dia 8. Foi sem dúvida um momento onde colocaram à prova não só a sua capacidade física, como também valores muito importantes como o espírito de entrega, a resiliência e persistência em ultrapassar os obstáculos que lhes foram surgindo.

Ao longo dos sete dias que estiveram na ilha mais alta do arquipélago dos Açores, estes escuteiros conheceram os principais pontos de interesse histórico e cultural da respetiva ilha e, ainda, aproveitaram para atravessar o canal e visitar a ilha do Faial, durante uma manhã e uma tarde.

Foi uma atividade inesquecível, onde prevaleceu o espírito de equipa.



CENTRO DE DIA E DE CONVIVIO "S. JOSÉ"

Coordenadora Tânia Bento

BIODANZA

No passado dia 06 de julho e, com a estreita colaboração e dinamismo da D. Sofia Marques, convidamos os seniores do nosso centro de dia, para uma "jornada transformadora, permitindo conectar corpo, mente e emoções de uma forma única.", parafraseando os responsáveis da recém-inaugurada escola de Biodanza dos Açores.

Inspirados pela busca de autoconhecimento, do bem-estar e conexão com a essência de cada um de nós, idosos e colaboradores puderam privilegiadamente viver uma experiência incrível, pautada por sorrisos, lágrimas, descobertas e emoções, através da arte de dançar e onde juntos criaram momentos mágicos e transformadores.



PASSEIOS DE VERÃO – JULHO

O bom tempo que se foi fazendo sentir, um pouco ao longo dos dias deste quente mês de julho, motivaram o início da realização dos nossos passeios e lanches fora da nossa instituição, convidando a estarmos em esplanada, a desfrutar de um gelado e da companhia uns dos outros.



Quer na nossa freguesia, quer nos arredores desta, levamos os nossos utentes de centro de dia a experienciar momentos de fuga às rotinas tradicionais da valência, apostando no contato com a natureza e na vertente do lazer, assim como, na promoção da sua qualidade de vida e de acordo com as suas expetativas.



Casa do Povo
Pico da Pedra



45 anos a servir o Pico da Pedra

CATLS "Mundo Mágico", e "Pequenos Curiosos"

**Coordenador
Nelson Alves**

ATIVIDADES CATL'S

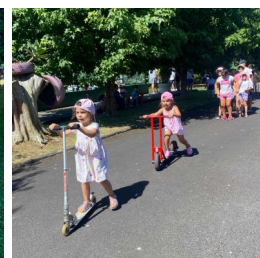
Nesta edição do Voz Popular, no que diz respeito aos CATLs Mundo Mágico e Pequenos Curiosos, damos destaque à festa de final de ano, pois foi a atividade que ocupou maioritariamente, com os ensaios e preparação dos adereços, o tempo das crianças e funcionários dos nossos CATLs.

Contudo, não foi a única atividade realizada nos CATLs. Também marcamos presença na Feira Quinhentista, mais concretamente no desfile de Domingo, e no Festival Bolinhas de Sabão, no Parque de Merendas da Ribeirinha, onde as crianças dos nosso CATLs tiveram a oportunidade de participar em atividades realizadas por outros CATLs do Concelho, bem como de outras associações ligadas ao teatro, à dança, às artes circenses. Foi um dia bem passado e do agrado dos participantes.

Com a entrada do Verão e com o calor, como é habitual nos nossos CATLs, dedicamos dois dias por semana para as brincadeiras com água, em que as crianças podem refrescar-se enquanto se divertem, proporcionando momentos de grande diversão.

Nas instalações do CATL, para além dos jogos/dinâmicas realizadas, as crianças também tiveram um momento de convívio com os idosos, aquando do Império dos avós.

Para além disso, as crianças também tiveram oportunidade de passear pela freguesia, visitar o Parque Maria das Mercês Carreiro e comer o gelado



CRECHE “Pedrinha Mágica”

Coordenadora
Silvia Oliveira

O VERÃO NA CRECHE PEDRINHA MÁGICA

Durante os meses de julho e agosto, na Creche Pedrinha Mágica fazemos atividades um pouco diferentes e aproveitamos o bom tempo, para brincarmos com água, fazermos bolinhas de sabão, termos sessão musical e de histórias ao ar livre, partilharmos transportes com rodas, como trotinetes, triciclos, carros elétricos, entre outros.

E como temos a sorte de ter um lindo jardim, fazemos piqueniques, passeamos no exterior e tratamos dos animais.

São dias diferentes e que divertem a pequenada.



“ A vida me ensinou... A dizer adeus às pessoas que amo, sem tirá-las do meu coração.”
Fénix Fauline

HOMENAGEM AOS QUE PARTIRAM

Sempre que um dos seus filhos parte do nosso convívio, o Pico da Pedra fica mais pobre.

17 MARÇO 2023

- **Maria Lídia Gonçalves**, faleceu com 94 anos de idade e era viúva de Manuel do Rego Calisto.

08 ABRIL 2023

- **Fernando Raposo**, faleceu com 89 anos de idade e era viúvo de Maria Julieta Melo Raposo.

22 JUNHO 2023

- **Manuel Carreiro de Sousa Dias**, faleceu com 74 anos de idade e era divorciado de Maria Aldina da Ponte Leonardo.

19 JULHO 2023

- **Manuel Luís de Sousa Corvêlo**, faleceu com 53 anos de idade e era solteiro.

21 AGOSTO 2023

- **Emanuel Pimentel dos Santos**, faleceu com 62 anos de idade e era divorciado de Maria do Rosário Pacheco.

Às famílias enlutadas, as nossas sentidas condolências.

JMJ 2023 Testemunhos

Andreia Sousa



Parti para as Jornadas Mundiais da Juventude em Lisboa sabendo que seria uma experiência única, e sem dúvida que foi. A semana foi repleta de emoções, diversão, encontros (açorianos, escuteiros, etc.), experi-

ências e alguns imprevistos.

Imprevistos estes que se tornaram num momento para reconfirmar que há sempre pessoas disponíveis para nos ajudar e que “há males que vêm por bem”, um deles no Parque Tejo, que por ter passado a noite num corredor de passagem tornou-se o melhor local para ver o Papa passar na manhã seguinte.

Foi também uma oportunidade de estar em contacto com pessoas de diversos países e ao mesmo tempo dar a conhecer os Açores e a nossa freguesia, o que não faltou aos peregrinos foi o orgulho nas suas bandeiras.

Um dos momentos mais marcantes foi o silêncio que se fez nos parques sempre que o Papa discursou, apesar de sermos milhares de peregrinos e de nem todos falarem espanhol, era sem dúvida o ponto alto do dia.

Aproveito para agradecer novamente à Casa do Povo e à Junta de Freguesia do Pico da Pedra pelo convite à participação na JMJ2023.

Andreia Sousa

Evaldo Aguiar



Em quatro palavras descrevia a JMJ **Aventura; Alegria; Devoção** e muita fé!

Foi uma experiência que irá marcar o resto da minha vida!

Sendo o momento mais marcante ter visto o Papa Francisco, a poucos metros, mesmo debaixo de tanto calor, os jovens não arredaram pé.

Foi ver multidões de pessoas a chorar, devido às várias palavras que o Papa entoava e ficar sem palavras pela forma como a Via-sacra foi apresentada e pela forma como inovaram.

Fico com uma mágoa por não ter participado na Vigília, pois ao chegar ao recinto, apanhei uma alergia devido ao pó abundante pelo que tive que voltar para trás, mas felizmente vi pela segunda vez o Papa Francisco a 3/4 metros de distância na volta para trás.

Em termos de aventuras, eu e a minha colega Andreia tivemos alguns contratemplos desde o primeiro até ao último dia das jornadas. Hoje rimos mais do que o desespero vivido em certos momentos na altura.

Juntámo-nos a um grupo de Jovens da Freguesia da Maia, com quem criamos grandes laços de amizade e também convivemos com muitos jovens de vários continentes diferentes.

Deixo aqui uma frase citada pelo Papa Francisco:

“Caminhar. Se cair, levantar-me ou deixar que me ajudem a levantar, não ficar caído e treinar-me, treinar-me no caminho. E tudo isto é possível, não é por fazermos cursos sobre o caminho, não há nenhum curso que nos ensine a andar na vida. Isto aprende-se, aprendemos com os nossos pais, com os nossos avós, com os nossos amigos, a dar a mão uns aos outros. Na vida aprendemos. E isso é o treino ao longo do caminho.”

A terminar, impõe-se uma palavra de agradecimento à Junta de Freguesia e à Casa do Povo de Pico da Pedra, pelo seu empenhamento na concretização desta nossa participação nestas Jornadas. Sem este apoio, dificilmente teria sido possível.

Evaldo Aguiar

Construção da Igreja Paroquial de Nossa

CONTINUAÇÃO DAS OBRAS

Se continuarmos a consultar o livro de contas poderemos verificar o quanto ainda era necessário fazer para que a ermida tivesse a dignidade que o seu Cura sonhara.

O lajeamento da igreja era uma das obras necessárias, não só por uma questão de higiene e estética, mas também, por ser prática comum em todas as igrejas sepultarem-se as pessoas no seu interior e de haver um espaço lajeado onde se definiam as campas (porém, no Pico da Pedra já as havia). Chama-se a atenção para a verba existente nas contas de 1810, destinada à compra de “*uma barrinha de ferro para levantar as lajes das sepulturas*”.

Com a bênção da Igreja em 13 de Setembro de 1807, passou o mesmo espaço a estar disponível para enterramentos, como se faziam nas ermidas do mártir S. Sebastião, de Nossa Senhora do Rosário e na igreja paroquial do Bom Jesus, em Rabo de Peixe. A primeira pessoa a ser sepultada na nova igreja, nessa altura considerada ainda ermida de nossa Senhora dos Prazeres, foi Gertrudes de Oliveira, viúva de José da Costa de Oliveira, de sessenta anos, cujo assento de óbito é datado de 4 de Dezembro de 1807¹.

Nas contas de 1806, já existe uma verba para lajes e na altura da bênção deveria haver algumas assentadas. Todavia, é nos anos seguintes de 1808 a 1810 que se faz grande parte do lajeamento, nas laterais, pois o centro da Igreja, ao que parece, por uma verba lançada nas contas de 1816/17, não estava ainda concluído. Pois, nessa altura, foram pagos “*4 homens que botarão às costas fora da pedreira 300 lajes que já se acham ao pé da Igreja para ladrilhar o meio dela*”. No entanto, verbas para o assentamento do lajeado só serão encontradas em anos seguintes. Julgo que só em 1921 é que se vai completar o lajeamento da igreja e do adro.

Sobre o adro, é de crer que na época da bênção da igreja, em 1807, só existissem 11 côvados de degrau (cada côvado mede 0,4572 metros), o que significa que seria talvez um tipo de escada por onde as pessoas subiam para entrar na igreja. O restante adro, na frente do templo, só irá ser terminado mais tarde. Pelas contas de 1811, compra-se a Manuel da Ponte Carreiro, de Rabo de Peixe, 5 varas de terra de vinha para melhor arranjo do adro. No entanto, como vimos acima, entre os anos de 1919 e 1921, termina-se a obra do adro. Algumas das pedras dos degraus vieram de uma pedreira nos Fenais da Luz.

ESTABELECIMENTO DO SANTÍSSIMO EM SACRÁRIO PERMANENTE

Construída a igreja e benzida em Setembro de 1807, pensou o padre José Manuel Pereira na etapa seguinte que era a colocação do Santíssimo na Igreja. Para obter a autorização vai socorrer-se da mesma justificação que havia usado para a construção da Igreja que era a distância a



que este povoado ficava da igreja paroquial do Bom Jesus e do aumento da população.

Como o Pico da Pedra era ainda um curato, não tinha autorização para ter sacrário permanente, embora, de acordo com as Constituições Sinodais do nosso Bispado, tinha nessa época uma população suficiente e uma Igreja digna para tal.

Sobre as igrejas em que deveria haver o Santíssimo em sacrário permanente ordenavam as Constituições que: “*... para devoção e consolação dos fiéis Cristãos e para os enfermos (... da cidade de Angra mandamos que na nossa Sé Catedral e assim nas igrejas curadas das cidades e vilas principais (...)) e nas igrejas das mais vilas e lugares, onde estiverem juntos trinta vizinhos a par da igreja, haja sacrários convenientes e honrados para ter o Santíssimo Sacramento. Diante do qual estará sempre uma lâmpada acessa à custa del Rei nosso senhor, pela obrigação que a isso tem, como perpétuo administrador que é das igrejas deste nosso Bispado (...)*”². Perante isso o Padre José Manuel Pereira só precisava de requerer a concessão do Tabernáculo Eucarístico para a sua igreja.

Mas não bastava apenas a autorização episcopal eram necessárias mais coisas: a construção de uma capela apropriada; o respectivo Património para manter a capela e uma confraria que gerisse as verbas destinadas ao culto do Santíssimo.

A Licença irá ser solicitada à Sé de Angra através de um requerimento, cujo texto foi publicado pelo Pe. Mendonça, que apenas tem data do despacho que é 14 de Junho de 1813.

Porém, pelo Livro de Contas da Igreja, nas despesas referentes ao ano de 1810, foi adquirida uma “*alâmpada para o Santíssimo de metal amarelo*”, pela importância de 18 \$760 reis, e nas contas de 1811, adquire-se a pedra de ara para ao Altar do Santíssimo, em cuja rubrica se pode ler: “*estamos com diligência de se por e somente nos tem demorado o Secretário do Snr. B.º não ter vindo à vistoria da*

Senhora dos Prazeres (parte IV)

Gilberto Bernardo

Ermida, tendo vindo já o Dr. Provisor segundo o despacho de S.^a Ex.c^a R.m^a e por isto vamos cuidando dos amanhos(...). Por este texto se poderá concluir que as diligências para tal fim terão provavelmente começado no início da década. A confirmar tal facto são as doações para o Património da Capela do Santíssimo.

DOAÇÕES PARA O PATRIMÓNIO DA CAPELA DO SANTÍSSIMO

As escrituras de doação fazem parte do livro da Confraria do Santíssimo, livro este que tem o termo de abertura a 23 de Junho do ano de 1814.

A primeira escritura, a folhas 4 do citado livro, é de uma doação de três mil reis, feitos por Manoel de Oliveira e sua mulher Maria Antónia, moradores no lugar de S. Vicente, aos 19 dias do mês de Outubro do ano de 1811. Esta doação é de um foro imposto em sete alqueires de vinha e terra, sita à Canada do Espantalho no sítio de S. Vicente. Manoel de Oliveira e sua mulher diziam na escritura: “ pelo amor que tem ao nome de Nossa Senhora dos Prazeres do Lugar do Pico da Pedra e à sua igreja e verem a necessidade de que ela tem e o Povo daquele lugar, que na dita igreja haja capela em que esteja o Santíssimo Sacramento”.

Outra escritura de doação, no valor de dois mil e quinhentos reis de foro fixo, fez Manuel do Rego Sousa e sua mulher Rosa Maria, moradores também no Lugar de S. Vicente, impostos em dois alqueires de vinha e terra, sita ao Farropo, (Fenais da Luz) do lugar dos Aflitos, no dia 12 de Março de 1812.

Francisco Inácio do Couto e sua mulher Tereza Margarida, do lugar do Pico da Pedra, também fizeram uma doação de seis mil e quatrocentos reis, impostos em dois alqueires e três quartas de vinha e terra, sita à Canada das Pedreiras do lugar do Pico da Pedra. A escritura foi lavrada a 2 de Janeiro de 1813.

Outra doação fez José da Silva d'Oliveira, lavrador, viúvo de dona Jacinta Rosa, morador no Pico da Pedra, em nove de Janeiro de mil, oitocentos e treze, no valor de seis mil reis, impostos em dez alqueires e meio de terra e mata, sita ao Telhar, da Vila da Ribeira Grande.

Dezassete mil e novecentos reis foi o valor total das doações. No entanto, a partir das contas verificamos haver outras receitas para cobrir as despesas com a capela do Santíssimo.

COMISSÃO OU CONFRARIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO

Para fazer a gestão da Capela do Santíssimo era necessário haver uma confraria. Todavia, para a existência de tal corporação, como escreveu o Padre Mendonça nas Memórias do Pico da Pedra “*eram necessários a existência de irmãos, cujas pautas deviam figurar com verba de receita,*

*por onde se conclui que a chamada confraria do Santíssimo era apenas uma comissão composta de algumas pessoas de mais recomendável probidade, presidida pelo cura, encarregado de administrar os donativos feitos ao Santíssimo Sacramento, com a obrigação de prestar contas anualmente à autoridade civil da sua administração”*³. O documento que cria a tal Comissão, foi elaborado na sacristia da Igreja em reunião datada de 18 de Setembro de 1814. Presentes nesta reunião estiveram algumas das pessoas de maior relevo na localidade convocadas pelo Cura para elegerem⁴, por determinação do Corregedor e Juiz dos Resíduos, uma mesa legal para cuidar da receita e despesa da capela do Santíssimo a erigir na ermida de Nossa Senhora dos Prazeres. Para Provedor foi eleito José da Silva Oliveira; tesoureiro, Francisco Ignácio do Couto e escrivão António Caetano do Rego. As pessoas nomeadas foram avisadas tendo aceitado o seu cargo tomaram posse e assinaram o respectivo documento.

Por este documento ficamos a saber que o primeiro sacrário permanente esteve na Capela-mor, por não existir ainda a capela do Santíssimo. Conclui-se também que tanto a nomeação da comissão, chamada de confraria, e a existência de um livro para mencionar as receitas e despesas são exigências das autoridades para a legalização do Tabernáculo Eucarístico permanente.

Continua no próximo número

¹ BPARPD, Livro de Óbitos da Paroquial do Bom Jesus de Rabo de Peixe, 1793-1808, f.240r.

² Constituições Sinodais do Bispado- Tit. VI - do sacramento da Comunhão –constit. 7, 1560- fol. 19.

³ Mendonça, António Furtado, Padre. Idem.p.42.

⁴ Trata-se, portanto, não de uma eleição mas da nomeação de pessoas.

VOZ POPULAR

Propriedade : Casa do Povo de Pico da Pedra
 Redacção, Composição, Distribuição
 Rua Dr. Dinis Moreira da Mota, 32
 9600 PICO DA PEDRA
 Telefone / Telefax: 296 490 350
 Impressão – Gráfica Açoriana



RADAR

Negativo

Positivo



Continua-se a constatar que, apesar de muitos alertas, junto ao corêto continua a ser parque de estacionamento. Triste, mas é a nossa realidade.



Outra queixa que nos chegou, é a concentração de pessoas até altas horas naquele local e o barulho que fazem., para além dos atos de vandalismo que são verificados.



Outra repetição nas nossas chamadas de atenção e, em relação ao lixo, para além do roubo de contentores, há a falta de civismo na sua utilização. Embora também seja verdade que para nossa surpresa, algumas vezes a viatura de recolha seletiva, mistura todos os contentores, o que questionamos para que serve então a separação do lixo.



O que se passa com a ATM a ser instalada na Casa do Povo? Já anunciada há meses, mas sem sombra dela. Realmente a existente está mais vezes avariada do que a funcionar. Vamos ver se é ainda este ano!



Outro reparo, são as contas finalmente apresentadas referentes às nossas festas do ano passado. Claro que não vamos comentar, mas olhando aquele mísero lucro, dá mesmo vontade de chorar!



Receberam o Sacramento do Matrimónio na nossa Igreja Paroquial, os seguintes casais:

29 JULHO 2023

Júlio Rafael Pimentel Furtado, filho de João Carlos Moniz Furtado e de Sónia Catarina Soares Pimentel Furtado, com **Cláudia Figueiredo Costa**, filha de Silvério da Silva Sousa Costa e de Cidália Maria de Melo Figueiredo Costa.



Foi com muita alegria que os jovens Andreia e Evaldo participaram nas Jornadas Mundiais da Juventude. Representaram o Agrupamento 1444 do CNE e FAP – Filarmónica Aliança dos Prazeres. De certo, foram momentos memoráveis para aqueles dois jovens!



Um apontamento importante e não podíamos ficar alheios, é o facto da subida de Divisão (Liga Açores) da equipa sénior do nosso Vitória Clube. Independentemente de como aconteceu, não tira o brilho e mérito à equipa, ao enorme trabalho desenvolvido e ao grande Clube.



mónica.

Parabéns à nossa FAP – Filarmónica Aliança dos Prazeres pelos seus bonitos 65 anos. Viveram-se umas comemorações muito agradáveis e registe-se a justa homenagem ao nosso amigo **Leonardo Oliveira**, símbolo da resiliência e empenhamento, que ao longo de muitos anos é um dos alicerces da nossa filarmónica.

FESTA DO 65º ANIVERSÁRIO DA FILARMÓNICA ALIANÇA DOS PRAZERES 2023

16 A 20 DE AGOSTO



Na nossa próxima edição incluiremos uma reportagem sobre as comemorações do 65º aniversário da Filarmónica Aliança dos Prazeres que decorreram de 16 a 20 de agosto.



Flash

TORNEIOS DE VERÃO

Decorreram, nos meses de julho e agosto, os tradicionais jogos de futsal, denominados por torneios “Marco Jesus” e “César Augusto”. Este evento é já uma referência nas noites quentes de verão, pois consegue juntar um número interessante de pessoas na bancada do campo de jogos “Octaviano Mota”, que, em família, contemplam o céu estrelado, o arvoredo do nosso parque, convivem e dão apoio às equipas participantes.

Este ano, toda a organização esteve a cargo do jovem atleta Rafael Medeiros, pelo que se agradece todo o seu empenhamento e esforço desenvolvido na preparação e exe-



cução dos torneios, que contou com a participação de seis equipas.

A classificação final foi a seguinte:

TORNEIO CÉSAR AUGUSTO

- 1º Lugar - Tream Bala
- 2º Lugar - Super Bock
- 3º Lugar - Feteiras FC

TAÇA MARCO JESUS

Vencedor - Feteiras FC

Taça Disciplina - Os Intocáveis

Melhor marcador - Vítor Xavier

Melhor Guarda Redes - Gonçalo Paiva

APRESENTAÇÃO DE CONTAS

Há cerca de um mês foram tornadas públicas as contas referentes às Festas em Honra da nossa Padroeira, realizadas em setembro de 2022.

Sem fugir muito à verdade, quase podemos afirmar que nunca houve um saldo positivo tão baixo.

Com as festas, entre muitos outros objetivos, destacaríamos três:

1º - Honrar a nossa Padroeira, demonstrando fé e gratidão;



2º - Proporcionar um salutar convívio entre a nossa comunidade residente, emigrante e os amigos que sempre nos visitam nestes dias festivos;

3º - Angariar receitas que permitam à nossa Paróquia desafogo financeiro para promover a sua ação apostólica e conservar a nossa Igreja Mãe.

Com o resultado de cerca de 200€, não será já tempo de nos questionarmos que tipo de festas queremos?

GILBERTO BERNARDO LANÇA LIVRO DE POEMAS



Integrado no programa das nossas festas, será lançado mais um livro de poemas intitulado “Poemas sobre tela”, da autoria do nosso conterrâneo e amigo Gilberto Bernardo.

Pela qualidade dos mesmos, temos a certeza de que será mais um êxito, pelo que felicitamos desde já este nosso amigo e colaborador assíduo desta Instituição.

NOVA ASSOCIAÇÃO SURGE NA FREGUESIA



Segundo conseguimos apurar, encontra-se em vias de concretização a criação da Fundação APJCA – Associação Prof. José Carreiro d’Almeida, cujo sede será na nossa freguesia.

Com os estatutos já aprovados e os seus Órgãos Diretivos constituídos, aguardam unicamente a sua publicação em Jornal Oficial.

Julgamos que na próxima edição já poderemos dar mais informações sobre os objetivos meritórios em que se propõe esta Associação.

Programa das Festividades em Honra de Nossa Senhora dos Prazeres Pico da Pedra Ano 2023 10 a 19 setembro 2023

Domingo - 10 setembro

11H00 - Eucaristia Solene com Profissão de Fé

2ª Feira – 11 setembro

19H00 - Exposição do Santíssimo Sacramento

20H00 - Eucaristia (1º Tríduo)

3ª Feira - 12 setembro

18H00 às 19H30 – Confissões

19H00 - Exposição do Santíssimo Sacramento

20H00 - Eucaristia (2º Tríduo)

4ª Feira - 13 setembro

19H00 - Exposição do Santíssimo Sacramento

20H00 - Eucaristia (3º Tríduo)

5ª Feira – 14 setembro

19H30 - Entrega do “Prémio Laurinda Mota” – Salão Nobre da Junta de Freguesia.

20H00 - Inauguração da Exposição: “Expressão da Admiração de Sirius” – Junta de Freguesia.
(14 a 19 setembro: 20H – 22H).

20H30 - Inauguração da Iluminação, com a execução do Hino de Nossa Senhora dos Prazeres,
pela Filarmónica Aliança dos Prazeres.

20H30 - Abertura do Bazar e da Barraca. Venda de Malassadas.

21H00 - Desfile do Agrupamento de Escuteiros 1144 do Pico da Pedra.

21H30 - Desfile da Charanga dos Bombeiros da Ribeira Grande.

22H00 - Desfile da Marcha do Pico da Pedra.

6ª Feira – 15 setembro

20H30 - Abertura do Bazar e Barraca. Venda de Malassadas.

20H30 - Apresentação da Equipa Sénior do Vitória Clube do Pico da Pedra para a Época
2023/2024.

22H00 - Atuação do Conjunto Musical – Top Girls

Sábado – 16 setembro

10H00 - Cortejo de Oferendas

19H30 - Procissão à volta da Igreja com a Imagem de Nossa Senhora dos Prazeres, seguindo-se
Eucaristia no Largo do Trabalhador.

20H30 - Abertura do Bazar e da Barraca. Venda de Malassadas.

21H00 - Arrematações.

22H30 - Atuação do Grupo Musical – Evolução Musical.

Domingo – 17 setembro

07H00 - Alvorada e Salva de 21 Tiros

11H00 - Eucaristia Solene

16H30 - Procissão em Honra de Nossa Senhora dos Prazeres acompanhada pelas Filarmónicas:
Nossa Senhora das Victórias – Santa Bárbara e Filarmónica Aliança dos Prazeres – Pico
da Pedra.

22H00 - Atuação do Conjunto Musical: Frank Rod Jr.

2ª feira – 18 setembro

15H00 - Exposição do Santíssimo Sacramento para Adoração.

19H00 - Eucaristia pelas intenções da Comunidade Paroquial, Movimentos Paroquiais, Emigran-
tes e por todos os defuntos. Consagração a Nossa Senhora dos Prazeres.

20H30 - Arrematação do Gado

22H30 - Cantigas ao Desafio

Cantadores: José Pimentel (São Vicente), Pedro Costa (Ginetes), António Silva (Rabo de
Peixe), Carlos Sousa “Maurício” (Ribeira Grande).

Tocadores: Carlos Câmara (Guitarra) e António Dutra (Violão).

3ª feira – 19 setembro

19H00 - Venda de Torresmos e Sarapatel no Salão Paroquial

20H30 - Arrematações

22H00 - Concerto da Filarmónica Aliança dos Prazeres – Pico da Pedra

23H45 - Despedida da Imagem de Nossa Senhora dos Prazeres

24H00 - Encerramento das Festividades com Fogo de Artifício